

LEONARDO LARA



## Entrevista

Adélia Prado (foto) fala da força da poesia na abertura de perspectivas para o ano que começa. PÁGINA 2

## Turismo cultural

O debate em torno das cidades históricas precisa incorporar novo conceito de cidade-museu. PÁGINA 6



O principal produto de exportação cultural se ressentente da falta de apoio oficial, de uma crítica atualizada e atenta e de investimentos na formação de público

# Avante, música brasileira

MAKELY \*

A música popular brasileira vai muito bem, obrigado. A despeito da crise da indústria fonográfica, do jábá, da pirataria, do desaquecimento do mercado. Mais do que tudo isso, porém, a música brasileira se ressentente de uma crítica que não acompanha sua evolução. A música no Brasil – sim, ela ainda é nosso maior orgulho e nosso principal produto cultural de exportação, a despeito de MTVs da vida que não se cansam de importar lixo inglês e norte-americano – ressentente-se de uma crítica da semana passada, do século passado, que insiste em reafirmar a onipresença inegável de nossos medalhões e não consegue enxergar o frescor e o desprendimento das novas gerações. Como esperar dessa crítica uma posição coerente com relação ao que se produz atualmente?

Elza Soares lançou recentemente um dos melhores trabalhos de sua carreira, e certamente um dos CDs mais instigantes dos últimos tempos. Reuniu compositores de pelo menos três gerações diferentes, ela própria representante maior de uma geração que ajudou a consolidar a música brasileira através do samba, juntou tropicalistas com rappers, samba rock com tango, coloquialismo com poesia concreta, tudo sem o menor constrangimento. Dura na queda, precisou fazer articulações mirabolantes; lançou seu disco em bancas de revista por um selo baiano praticamente desconhecido para, só então, após 50 anos de carreira, ser finalmente reconhecida pela crítica como uma das maiores cantoras que o País já ouviu.

E por falar em samba, é inadmissível que uma crítica séria sobre a produção atual ignore o sempre bem-vindo rejuvenescimento do gênero na voz firme de uma Tereza Cristina. Tudo bem, não se pode cobrar de um senhor que vá a um show de Pedro Luís e seu Monobloco para que ateste a boa fase de nossa música. Muito menos a uma festa onde se encontram *bboys*, *DJs* e *MCs* em qualquer periferia de uma grande cidade. Nenhum destes senhores, por falta de informação ou simples preconceito, se deu conta ainda do que Marcelo D2 vem fazendo com o samba amaldiçoado pelo *hip hop*. Pra lembrar mais alguns poucos exemplos quase sempre inaudíveis pela crítica, cito ainda Flávio Henrique ampliando os caminhos harmônicos da tradição musical mineira; Dante Ozzetti levando à frente a experiência da vanguarda paulista; Guinga, talvez o maior melodista da canção no Brasil depois de Tom Jobim. Isso sem falar nos que estão no batente desde pelo menos o início da década de 80 e sempre foram solenemente ignorados ou subestimados pela crítica. Não seria agora que eles iriam desistir simplesmente porque algum crítico decidiu que a música brasileira está ultrapassada. Falo de Titane e Maurício Tizumba com suas performances arrebatadoras e seus tambores de congado; Itamar Assumpção, sua língua afiada e sua estética Tietê de marginal; Elomar e suas trovas vindas das barrancas

do rio Gavião; Ney Lopes e seu samba de breque sincopado; Xangai com sua voz cortante e de recursos extraordinários; Maurício Pereira, sua poesia sutil em canções irreverentes e sofisticadas; Vitor Ramil e a apropriação que faz da tradição folclórica gaúcha com elementos de música folk e do rock, para falar só de alguns.

Hoje tem-se falado muito em angústia da influência para explicar uma suposta falta de criatividade geracional. Mas a angústia da influência não é privilégio da nossa geração. A sombra de Noel Rosa já encobriu Chico Buarque, assim como Cartola já deixou sem sono gente como Paulinho da Viola. Normal. O que não dá é pra ficar superestimando a influência a ponto de se tornar impotente frente a ela. Ai vira angústia mesmo. Dizem as más línguas, aliás, que a maioria dos críticos são artistas angustiados que, frustrados pela incapacidade de produzir algo à altura dos grandes criadores, se empenharam em maldizê-los. Justiça seja feita, tivemos e ainda temos, ao longo da história da música brasileira, críticos de se tirar o chapéu. Muitos deles, em certa medida, também responsáveis pela credibilidade até então desfrutada pela música brasileira. Hoje, grande parte da crítica oficial não consegue sequer perceber a existência de um mercado paralelo, de uma crítica não oficial, da grande segmentação operada pelos pequenos selos e gravadoras e, conseqüentemente, da escassez cada vez maior de grandes fenômenos de venda.

Ora, a crítica saudosista não acompanha sequer o desenvolvimento subsequente da carreira dos próprios medalhões que alicerçam seus discursos anacrônicos. Caso contrário, perceberiam a grandeza da obra recente dos próprios. Gil e Caetano continuam na ativa compondo canções ainda belas e instigantes o suficiente para angariar novos fãs aqui, no mundo afora. Um disco como *O Sol de Oslo*, de Gilberto Gil, lançado no final da década passada e quase ignorado pela crítica, está, sem dúvida, entre seus melhores trabalhos. Se esse é um disco de quem já esgotou seu ciclo criativo, então teremos de reformular o conceito de criatividade. Caetano, por sua vez, não precisa pedir desculpas para ninguém, e não pede mesmo. Chico continua compondo e escrevendo (o que, aliás, faz desde sempre) com a mesma lucidez e maestria. *Cambaio*, sua última parceria com Edu Lobo, é prova disso. O problema é que os críticos esperavam um novo *Circo Místico*. E eu me pergunto: para que um "novo" se o "velho" é tão bom? Tom Zé, do alto de seus 66 anos, é, sem dúvida, um de nossos *performers* mais geniais, além de continuar compondo com vitalidade capaz de deixar muito jovem javali com inveja. Mautner, agora mais do que nunca, senhor absoluto das profundezas superficiais da canção popular. Paulinho da Viola mantém sua realza, lança velhos sambistas esquecidos e inspira os novos.

CONTINUA NA PÁGINA 5



## CONTINUAÇÃO DA CAPA



DIVULGAÇÃO/JORGE ROSENBERG

## COMPETÊNCIA

Marisa Monte, com seus parceiros Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes, lançou "Tribalistas": afetação à parte, o projeto soa com frescor e novidade

# Consolidação e renovação

Milton Nascimento se envolve em trilhas para teatro, dança e ainda lança novos compositores, novas intérpretes, novos instrumentistas, num de seus melhores discos das últimas décadas, *Pietà*; Ben Jor inspira e pega carona na nova e efêmera onda samba rock que, acima de tudo, recoloca em circulação o trabalho, ignorado até então pela grande crítica, de gente como Marku Ribas e Trio Mocotó. Alceu Valença bebe na fonte inesgotável do folclore nordestino e na música carnavalesca, sendo ainda um dos responsáveis pela recente onda de popularização do forró nos grandes centros do Sudeste. Mesmo Marisa Monte e cia. lta., com toda antipatia que parece fazer questão de cultivar, consegue soar com frescor e certo grau de novidade num projeto coletivo ao lado seus parceiros mais frequentes, Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown, além de dar uma aula de competência em marketing e produção, coisa feita de modo ainda muito amador e rudimentar pela maioria dos músicos brasileiros.

Já a tríade Lenine, Chico César e Zeca Baleiro, figuras já carimbadas que despontaram no cenário nacional em meados da década de 90, tem uma importância mais decisiva nos novos rumos da música brasileira do que costumam creditar os críticos mais lerdos. As influências também são mais amplas do que as mentes reducionistas costumam alcançar. Os três medalhinhas representam em suas singularidades próprias, cada um a seu modo e guardadas as devidas proporções, possibilidade de reconciliação de uma certa tradição, ou para quem quiser, da linha evolutiva da música brasileira, com o mercado. Não é à toa que vendem razoavelmente bem tanto aqui como fora do País. E não é à toa também que fazem questão de deixar claro em toda entrevista, entre magoados e ressentidos com uma crítica que só se deu conta deles muito recentemente, que possuem décadas de estrada, quando comiam o pão que o diabo amassou, entre botecos, jingles e festivais, como de resto todo músico brasileiro em início de carreira e que seja filho de ninguém. O próprio Lenine, o mais bem-sucedido deles, com uma estética coesa e um projeto mais arrojado de fusão entre música e letra que a média geral, levou 20 anos para finalmente ver consolidada sua carreira.

Um dos erros ao se avaliar a produção recente é ficar à espera da grande novidade que vai redimir a todos com uma forma revolucionária de música. Isso não vai mais acontecer. Hoje, a mínima diferença pode fazer toda a diferença. Não há mais espaço para as grandes revoluções musicais. Agora a coisa é mais sutil. É preciso ser mais perspicaz. A crítica jurássica geralmente passa batido por sutilezas como Moreno+2 ou Alda Rezendes. Ainda considera a música eletrônica uma entidade à parte, ao passo que ela vai se incorporando cada vez mais à canção como mais um instrumento, como a guitarra na década de 60, a orquestra nos 70 ou o sintetizador nos 80. E para não ficar só nas medalhas, poderia citar ainda uma infinidade de novos criadores que, alheios ao que pensa deles a crítica, chegam para dar o seu recado, como Seu Jorge, Virgínia Rosa, Miriam Maria, João Linhares, Rebeca Matta, Paula Santoro, Badi Assad, Carlos Carega, Patrícia Ahmaral, Fred Martins, Rita Ribeiro, Anthonio, Juraildes da Cruz, Marina Machado, Vanessa Da Matta, Regina Spósito, Edvaldo Santana, Mônica Salmazo, Chico Pinheiro, Vander Lee, Ceumar e tantos outros que surgem a cada dia.

A falta de critério com que a crítica em geral trata a música brasileira é uma coisa assustadora. O papel dela deveria ser o de despertar e orientar o gosto do público num diálogo com a obra que serviria até para o próprio artista estabelecer novos parâmetros para sua produção. Em vez disso, essa crítica, em geral, cai

na velha rotina de sair criando rótulos de fácil identificação para enquadrar um trabalho. O rótulo "música de qualidade", por exemplo, largamente utilizado para distinguir superficialmente tudo o que deve ser ouvido do que deve ser descartado, esconde uma gama enorme de preconceitos. De modo geral, tudo que não é manifestação cultural de massa pode ser enquadrado como tal. Grosso modo, se não for pagode, axé ou sertanejo, *a priori* pode-se considerar "música de qualidade". Desafinando o coro dos contentes, e pra ficar num único exemplo, os pagodeiros do Art Popular costumam ser mais criteriosos e coerentes em seu trabalho do que muita gente da aristocracia da música popular. Que o digam o antropólogo Hermano Vianna (autor do livro *O Mundo Funk Carioca*, Editora Zahar) e o historiador Paulo César de Araújo (autor de *Eu não sou cachorro não - Música Popular Cafona e Ditadura Militar*, Record), pesquisadores sérios e despidos de preconceitos, que se debruçaram sobre o mundo funk carioca e a música brega, respectivamente, descobrindo universos paralelos e fundamentais para se compreender a canção no país mais musical do planeta. Para perceber essas e outras nuances, é necessário manter os ouvidos atentos e a cabeça aberta.

Mas, se há uma crise, o prejuízo maior quem vem sofrendo não é a indústria, mas o público. Toda a crítica é saudosista da produção musical da década de 60, mas ninguém se lembra de dizer que até o início naquela década ainda havia ensino de música nas escolas. O programa de canto orfeônico implantado nos anos 40 por Villa-Lobos foi uma iniciativa fundamental para a formação do público que duas décadas mais tarde consumiria o biscoito fino da produção musical brasileira. Mas o governo militar, a partir dos anos 70, adota uma política educacional tecnicista e abole não só a música, mas disciplinas como filosofia e sociologia, que poderiam ter ampliado um pouco mais o universo cultural do público. Foram 20 anos de ditadura e 15 de democracia neoliberal. Chega a ser até curioso que ainda se produza tanto para um público tão restrito quanto o de música brasileira hoje. É sintomática a existência de um movimento coeso e aguerrido como o *hip hop*, que mobiliza todo o País, com nomes como MV Bill, Sabotage, Xis, Racionais, Nega Giza, Rappin' Hood, Thaíde e tantos outros.

Se considerarmos que não existe e nunca existiu iniciativa governamental no sentido de dar suporte àquele que é o nosso principal produto de exportação, chega a ser milagrosa a produção atual! É um absurdo que não haja, por exemplo, uma gravadora e uma distribuidora estatais. Salvaguardando a atitude heroica dos pequenos selos e gravadoras, que representam menos de 10% do mercado, o resto ainda está nas mãos de multinacionais que visam prioritariamente o lucro fácil. É necessário que o novo governo crie algo como uma "Embramúsica". É necessário que nossas crianças voltem a ter música na escola. É necessário qualificar e atualizar nossa crítica de música. É necessário, sobretudo, cultivar uma de nossas maiores riquezas. Chega de ficar fazendo torcida do contra!

\* Makely é poeta e compositor, autor de *Objeto Livro* (edição do autor) e dos CDs *A Danaide* e *A Outra Cidade*, ambos pelo Selo Musical

Um dos erros ao se avaliar a produção recente é ficar à espera da grande novidade